

**Os Primórdios do Movimento Pentecostal:**  
*Dinâmica integradora em tempos de discriminação racial  
norte-americana, com projeção mundial*

*The Beginnings of the Pentecostal Movement:  
Integrating dynamics in times of American racial  
discrimination with worldwide recognition*

Nelson Célio de Mesquita Rocha

**Resumo:**

O presente artigo tem como objetivo analisar um fator de integração humana, através de um movimento que ficou conhecido como “Movimento Pentecostal”, em Topeka, no Kansas (EUA), em 1901. Nesse movimento, conhecido como tempo de avivamento de cunho pneumatológico, negros e brancos, pobres e ricos, letrados e iletrados, reuniam-se para buscar uma experiência nova com Deus: uma vida de santidade pelo batismo com o Espírito Santo. Um movimento de cunho bíblico e integrador, gerando um crescimento em número e qualidade de vida cristã.

**Palavras-Chave:** Movimento Pentecostal; Topeka; Kansas; Avivamento; Santidade; Santo Espírito.

**Résumé:**

Cet article vise à analyser un facteur d'intégration humaine, par un mouvement qui est devenu connu sous le nom “Mouvement pentecôtiste” à Topeka, Kansas (USA) en 1901. Dans ce mouvement, connu comme la nature pneumatologique de temps de réveil, noir et blanc, riches et pauvres, instruits et illettrés, se sont réunis pour chercher une nouvelle expérience avec Dieu, une vie de sainteté par le baptême du Saint-Esprit. Une nature biblique et intégrative de mouvement, générant une augmentation du nombre et de la qualité de la vie chrétienne.

**Mots-clés:** Pentecôtiste Mouvement; Topeka; Kansas ; Réveil ; Sainteté; Saint-Esprit.

## **Introdução**

No ano de 2014 foi lançado o filme intitulado “12 anos de escravidão”. Em meados do ano 1800, um homem que vive em Nova York é raptado e vendido como escravo no sul do país. Solomon Northup (Chiwetel Ejiofor) vive doze anos como escravo, nos quais aprende intensamente os desafios e traumas da escravidão. Um homem segregado em seu próprio país, por ser negro. Segregação é o processo de dissociação mediante o qual indivíduos e grupos perdem o contato físico e social com outros indivíduos e grupos. Essa separação ou distância social e física é oriunda de fatores biológicos e sociais, como raça, riqueza, educação, religião, profissão, nacionalidade, entre outros fatores.

Segregação racial é uma política que objetiva separar e/ou isolar no seio de uma sociedade as minorias raciais ou um grupo étnico específico. Na segregação racial os indivíduos ficam restritos a uma região delimitada, ou são criadas barreiras de comunicação social. Na segregação racial as pessoas ficam impedidas de usufruir dos seus direitos dentro da sociedade.

Um dos maiores exemplos de segregação racial foi o Apartheid, que ocorreu na África do Sul, onde os negros eram discriminados e foram criadas leis para não frequentarem os mesmos ambientes que os brancos. Depois de séculos, sob a liderança de Nelson Mandela, a luta contra o Apartheid foi vitoriosa.

Outro triste exemplo de segregação racial aconteceu nos Estados Unidos, com leis e atos declaradamente racistas, em que afrodescendentes eram discriminados, não tendo os mesmos direitos das outras pessoas. Nos transportes, por exemplo, as pessoas negras tinham que se sentar obrigatoriamente na parte de trás do ônibus.

Foi justamente nesse contexto que surgiu na Rua Azusa, um movimento que revolucionaria o mundo, trazendo em suas origens as marcas de uma quebra de paradigmas no solo norte-americano, por meio da escola bíblica de Charles Fox Parham, em Topeka, Kansas, em 1901. Nesse contexto, todos participavam, pois era uma iniciativa que marcaria a sociedade norte-americana de forma positiva.

## **1. O polo pneumatológico e a dinâmica do Movimento Pentecostal**

Um redimensionamento do Espírito implica no desenvolvimento da realidade humana no coração do mundo, que vai culminar no Movimento Pentecostal. Um movimento que marcou a experiência eclesial do século XX, com um crescimento assustador de crentes. Assim, o mundo criado por Deus é lugar da ação do seu Espírito Santo. E, a vida segundo o Espírito tem relação mediata e imediata com a realidade. Uma reflexão teológico-pneumatológica, tem como ponto de partida o terreno bíblico e a tradição dos Pais da Igreja. As vias judai-

cas e cristãs, em muito, prestam suas colaborações para um refletir no Espírito. Também, a tradição teológica dos Pais da Igreja é considerada, por meio de Agostinho, Anselmo e Tomás de Aquino, que são figuras bastante requeridas, para fazer parte do quadro teológico, com proposições específicas para uma espiritualidade de encarnação ou do desenvolvimento que perpassa de modo interno o humano e o mundo. Estes pontos marcam, sem dúvida, uma grande contribuição para a antropologia.

Em tempos anteriores ao século XX, no século XVIII, por exemplo, John Wesley, clérigo anglicano, teve uma experiência profunda com o Espírito Santo, proporcionando um novo vigor, ou como ele mesmo descreveu “senti meu coração aquecido”<sup>1</sup>. E, foi justamente dele que os pentecostais herdaram a ideia da experiência da “segunda bênção”, subsequente da salvação. No século XIX, Edward Irving e seus amigos, em Londres, admitiram a possibilidade da restauração dos dons do Espírito na Igreja Moderna. Esse ministro presbiteriano liderou a primeira tentativa de avivamento realizado na Igreja Presbiteriana em Regents Square. Outro movimento predecessor do pentecostalismo foi o movimento Higher Life de Keswick, que floresceu na Inglaterra em 1875. Nos Estados Unidos, a liderança inicial do movimento de santidade teve como personagens Hanna Whirttal Smith e William E. Boardman<sup>2</sup>.

O desenvolvimento do humano e do mundo passa pelo crivo cristológico-pneumatológico<sup>3</sup>. Dá-se uma passagem que toca a história do mundo e a da presença contínua de um Deus trinitário na realidade eclesial. Assim, a cultura, a Igreja e a doutrina apresentam uma relação profunda. Isto foi esquecido pelo protestantismo institucionalista. Por isso, é necessário fazer memória das dimensões espirituais e o Deus-Espírito é quem insere o humano na realidade entre a contingência e o Absoluto.

Uma realização que apresenta um acabamento, um complemento, um desenvolvimento, acha-se inscrita particularmente na Bíblia, que é a revelação de Deus. A realidade de uma realização dentro da própria Bíblia tem sua estrutura que é composta de dois Testamentos, que se remetem um ao outro. Se o Segundo se compreende como um desdobramento do Primeiro, é isto o reconhecimento de haver o respeito pelas diferenças, em consequência de um acabamento próprio. Essa forma não impede de existir o Livro total e nem se apresentará

<sup>1</sup> SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**. São Paulo: Vida, 2009, p. 16.

<sup>2</sup> Id. *Ibid.*, p. 16ss. Não serão mencionados todos os nomes neste artigo, entretanto, o leitor poderá consultar a obra citada.

<sup>3</sup> GISEL, P. **La subversion de l'Esprit**. Réflexion théologique sur l'accomplissement de l'homme. Liux théologique – 23. Genève: Labor et Fides, 1993.

segundo uma estrutura dualista, mas aparecerá o traço que persegue essa linha única, um arco, sem ruptura.

Se a Bíblia cristã é dupla em sua forma própria, comportando em seu corpo de escritura uma ruptura e um acabamento próprio, é em função de ela mesma testemunhar uma ruptura efetiva e essencial, inscrita no coração daquilo a que ela remete. Ela remete a um processo de encarnação no mundo, passando por uma cruz, por um momento de julgamento e por uma ressurreição, como acabamento ou realização. Isto significa o testemunho que é proposto por esse processo, e que também reenvia a uma ordem de figuras e de simbolismo, inscritos numa ordem eclesial e sacramental. Sendo assim, não pode se desdobrar como reprise de um eco, mas converge para um evento específico, atado misteriosamente no coração do mundo, de forma pessoal e testemunhando indiretamente do Absoluto.

Um feito de acabamento ou de realização, originalmente tratado, marca a própria forma do Livro. Ele proclama essa realização inserida em seu seio, no sentido de haver uma história do homem como seu objeto. Uma história que vai de Adão ao Apocalipse; uma história da humanidade com suas genealogias próprias, suas rupturas e suas redenções; uma história que narra a humanidade na sua relação essencial com Deus. Relação onde essa história se acha mais na defesa ou de maneira provocada, e onde também ela emerge segundo uma estrutura de aliança, em face de um mal recusado. Uma história da humanidade consta narrada no Livro, na Torá e nas suas reprises histórico-proféticas. Ela vem finalmente condensar-se numa figura do “novo Adão”, na articulação de uma história de todos e de sua ultrapassagem nesta figura de “Filho do homem”, plenamente realizada, pois o Livro em sua nova condução, diz acerca de uma genealogia<sup>4</sup> complexa e com uma entrada escatológica.

Por que uma genealogia? Porque é a proclamação vitoriosa que é contada segundo uma dupla linha, cruzada, precisamente porque a figura que elas inserem tem lugar que se sustenta na articulação entre a história de todos e sua ultrapassagem. Ela vai além. Ela é figura de realização, de acabamento, porém, dentro de um modelo específico. Assim, é figura recapituladora, inscrita numa precedência histórica (Mt 1.1ss). Cristo é a figura central, segundo a tradição literal. Ele é Filho do Homem e Filho de Deus, nascido de Maria e nascido de Deus, corpo de carne e homem segundo o Espírito. Assim, o Livro e a figura central que se sustentam como tais, sepa-

---

<sup>4</sup> Por genealogia, entende-se que a dinâmica de uma pneumatologia tem de passar pela história humana, com suas experiências.

rados da história do mundo e dos homens, permitem haver uma distância. A Bíblia apresenta uma estrutura dupla: ao mesmo tempo em que Cristo tem a ver com o corpo humano e a realidade do mundo, destaca-se de forma diferenciada. Se o Livro e a figura cristológica são separados da história, e todos tecidos de sua própria carne, são colocados, finalmente, por testemunho de que a história não se complementa, senão no grau de uma passagem além.

Embora exista essa diferença, não significa que as duas cristalizações canônicas e cristológica se proponham sem nenhuma relação com a história da humanidade. Ao contrário, um vínculo pode em efeito ser essencial e decisivo sem ser direto ou linear. Se, porém, há a fala de ir mais adiante, não se esquecerá de que tanto a figura cristológica que o texto sempre faz brilhar, é tomado e contemplado como estando profundamente inscrito na carne e na história humana, feito desta carne e desta história. Desta forma, as realidades de cada um e de todos, tomam uma proporção que se apresenta segundo uma ação do Espírito de maneira integradora. A força de uma realização aparece diante dessa realidade pneumatológica, segundo uma ordem da Escritura e cristológica.

Esse espaço tem a ver com as origens da criação, e todos os estudiosos da Sagrada Escritura que sublinham os termos bíblicos traduzidos por Espírito, *ruah* em hebraico, traduz-se por *pneuma* no grego, e especialmente na Septuaginta ou LXX. O termo não foi traduzido por *nous*, porque este é mais intelectual, enquanto *ruah* designa alguma coisa que se move sobre o homem, no exterior. Vento e sopro têm por sua vez uma parte ligada com o espaço ou com a distância, e se apresentam como força elementar de vida ou potencial de energia, podendo agir com eficácia numa certa direção.

É desta maneira, que a ação do Espírito no Movimento Pentecostal ainda que tenha começado nos Estados Unidos, boa parte de sua teologia básica tem raízes nos primeiros movimentos perfeccionistas e carismáticos na Grã-Bretanha<sup>5</sup>. A história desse movimento que ninguém deve ignorar, marcou a história da igreja posteriormente, tem seu ponto de partida na escola bíblica de Charles Fox Parham, em Topeka, Kansas, em 1901. Em consequência do Pentecoste que eclodia em Topeka, Parham formulou a doutrina de que as línguas eram a evidência bíblica do batismo no Espírito Santo<sup>6</sup>. Mas, o que é interessante, considerando a ação do polo pneumatológico, ou seja, da ação do Espírito, essas línguas eram uma concessão divina de idiomas humanos com vistas à evangelização mundial. Parham defendia a ideia de que os missionários não precisavam

<sup>5</sup> SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**, São Paulo: Vida, 2009, p. 16.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 18ss.

estudar nenhum idioma estrangeiro, uma vez que de forma milagrosa o Espírito Santo capacitava pessoas a pregar em línguas em qualquer lugar do mundo.

Charles Fox Parham é considerado o primeiro a desenvolver o argumento teológico de que as línguas são sempre a evidência inicial de que uma pessoa recebeu o Espírito Santo<sup>7</sup>. Assim, os fundamentos de uma vida mais longe do pecado e dinâmica serviram de base para o avivamento da Rua Azusa e da moderna prática pentecostal.

Depois de Parham surge a pessoa de William Joseph Seymour<sup>8</sup>. Ele nasceu na Louisiana, filho de escravos libertos. Era um negro baixinho e robusto, cego de um olho e agraciado com um espírito manso e humilde. A sua origem religiosa foi metodista, igreja onde professou a sua fé. Seymour foi aluno de Parham, e, posteriormente, tornou-se líder da Missão da Rua Azusa. Em seu primeiro sermão, num domingo pela manhã, o novo líder escolheu o texto dos Atos dos Apóstolos 2.4 e deixou claro na pregação do Livro Inspirado que o crente que não falava em línguas não havia ainda experimentado o verdadeiro batismo com o Espírito Santo<sup>9</sup>. O ensino de Seymour implicava a renúncia a uma crença profundamente sedimentada numa experiência pessoal e na busca por algo mais.

## **2. Fundamento bíblico-teológico do pentecostalismo**

Antes de se verificar se o Movimento Pentecostal tem fundamento bíblico-teológico, faz-se necessário saber quem é o Espírito Santo à luz do Livro de Deus que é a Bíblia. Esse Espírito que dinamiza a Igreja na sua missão no mundo, fazendo surgir um novo horizonte de vida cristã.

Muitos estudos têm sido expostos acerca de vários assuntos da Teologia, mas pouco se tem ensinado e aprendido sobre o Espírito Santo de Deus, não separado das pessoas da Santíssima Trindade. Ele é a Terceira Pessoa da Trindade<sup>10</sup>. Ele é o supremo edificador. Ele promove a unidade. Ele é o Consolador e Sustentador da vida espiritual da Igreja.

Assim, é preciso atentar para as seguintes palavras de Balthasar:

<sup>7</sup> Ibid., p. 65 ss. Nesta obra constam mais detalhes sobre a vida e obra de Parham. O leitor poderá obter mais informações.

<sup>8</sup> Ibid., p. 69 ss. Neste artigo a intenção é tão somente de focar as pessoas de Parham e Seymour.

<sup>9</sup> Cf. Ibid.

<sup>10</sup> Isto custou muito caro à Igreja, que no passar do tempo empreendeu estudos para tentar compreender a Doutrina do Espírito Santo. Para uma compreensão mais acurada do esforço da Igreja, ver BETTENSON, H. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: Aste, 2018.

Deus é, como unidade do Pai e do Filho, um espírito uno; dito de outra forma: o amor que faz com que o Pai seja Pai enquanto genitor, e o amor que faz com que o Filho seja Filho enquanto Verbo, exprimindo o Pai, são uma única e concreta substância espiritual, e, no entanto nasce desta comunhão, como milagre de uma fecundidade eterna, o Espírito divino como terceira pessoa, não engendrado dos dois (como filho do homem e da mulher), mas de uma maneira inexprimível, emergindo do “sopro” (pneuma) comum de sua existência um no outro<sup>11</sup>.

Vejamos as seguintes premissas, que são contundentes para uma melhor compreensão do assunto<sup>12</sup>:

1. O Espírito Santo é Deus porque a sua natureza é divina (Jo 4.24);
2. Ele é Deus porque estava presente na criação, quando tirou as coisas do nada, do vazio, e do vazio fez o cosmos (Gn 1.1,2);
3. Ele é o mantenedor da vida, por isso é Deus, atuando hoje na perspectiva da renovação da natureza e do cosmos. Deus não apenas criou, mas continua, mantendo, renovando e criando dentro da criação<sup>13</sup>. A subversão do Espírito implica justamente no desenvolvimento da realidade humana no coração do mundo. O mundo, criado por Deus, é lugar de prova e de bênção. E, a vida segundo o Espírito, é estar voltada para a realidade do mundo<sup>14</sup>. Vivemos numa natureza carismática. Uma explosão de graça, uma tremenda renovação da vida, um testemunho da permanente possibilidade de avivamento;
4. Ele é Deus porque é chamado de Deus na Bíblia (At 5.3,4). O que Pedro diz é que mentir ao Espírito Santo é o mesmo que mentir a Deus. Ele é chamado de Senhor (2Co 3.17,18);
5. Ele é Deus porque possui atributos divinos. a) Possui a eternidade (Hb 9.14); b) Possui a onipresença (Sl 139.7,10); c) Possui a onipotência (Lc 1.35); d) Possui a onisciência (1Co 2.10,11);
6. Ele é Deus porque possui nomes divinos. a) É chamado de Espírito de Deus (1Co 3.16); b) Espírito do Senhor (Is 11.2); c) Espírito do Deus vivente (2Co 3.3).

<sup>11</sup> BALTHASAR, Hans Urs von. **O Espírito Santo**. In: “Lumière et Vie” 13 (1964), N° 67 p. 115-126.

<sup>12</sup> Os pontos que seguem são originários da grande obra de SANTO AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994, 726p. O período que Sto. Agostinho dedicou à sua grande obra decorreu do ano 400 a 416 AD, monumento teológico e filosófico, que revela a profundidade do tema e a seriedade de seu autor no período de elaboração. “Vivia-se ainda a transição do paganismo para o cristianismo, cujos dogmas estavam muito distantes das crenças vigentes sobre a divindade. A fé em Deus uno e trino, impossível de ser vislumbrado por inteligências carentes de fé, adquiria foros de maior incompreensão perante o mistério trinitário. E no seio da própria Igreja, a revolta ou a fé vacilante levou muitos batizados a se enveredarem pelos caminhos da heresia, opugnando crenças já arraigados no espírito dos crentes” (p. 10).

<sup>13</sup> GISEL, Pierre. Id. *Ibid*.

<sup>14</sup> *Ibid*. Pequena síntese da obra desse teólogo de linha reformada, que deve ser examinada com profunda atenção.

A Bíblia não coloca o Espírito Santo na categoria do *isto*, da coisa, mas do *tu*, da pessoa. Algumas pessoas se relacionam e oram a Ele como se o Espírito de Deus não passasse de uma energia, uma força. Às vezes quando se fazem orações relacionadas ao Espírito Santo, muitas vezes lhe atribuem apenas poder energético, como por exemplo: “*Ó Deus, manda a força do Espírito, o poder do Espírito, a influência do Espírito...*”

O Espírito Santo não deve ser considerado somente uma força divinxna que atuou estavelmente no Messias e passageiramente em outro; mas, tem também uma realidade pessoal concreta e distinta, e um protagonismo próprio e inseparável do Pai e do Filho<sup>15</sup>.

O Movimento pentecostal afirma e confirma ser um agir do Espírito de Deus, que a partir do dia de Pentecoste (At 2.1-13) fez que a mensagem da Boa-Nova em Cristo alcançasse o mundo. Numa parte da descrição de um artigo extraído de um Jornal de 1960, consta:

As reuniões eram realizadas todos os dias: começavam às 10 da manhã e se prolongavam até quase meia-noite. Havia três altares para os cultos diários. O altar era uma prancha de madeira apoiada em duas cadeiras colocadas no centro do salão, e ali o Espírito Santo descia sobre os homens, mulheres e crianças, nos antigos moldes pentecostais, tão logo ficava evidenciado que eles haviam tido a experiência de purificação interior. Pregadores orgulhosos e leigos de grande inteligência, inflados das próprias teorias e crenças, chegavam de todas as partes e experimentavam a humilhação, tendo afastada de si toda a “palha” de seus conceitos, chorando de consciência limpa diante de Deus e suplicando para serem “cheios do poder do alto”<sup>16</sup>.

Pelo menos quatro realidades fazem crer que o Movimento Pentecostal da Rua Azusa tem fundamento bíblico-teológico: 1) A Bíblia como base da pregação; 2) O culto a Deus realizado com fervor; 3) O uso dos dons espirituais; e, 4) A experiência de inclusivismo. Vejamos esses tópicos.

1) A Bíblia como base da pregação na Rua Azusa. Todo cristão tem a convicção de que a Bíblia é a Palavra de Deus escriturada, e a mestra para que alguém conheça o Criador e seu plano redentor. É a Bíblia a Palavra de Deus porque ela revela Deus às pessoas. É ela superior à Revelação Natural (SI 19). Deve-se ver na Sagrada Escritura uma palavra inicial de Deus ao homem, inspirada pelo Espírito Santo, e não apenas uma palavra humana sobre Deus, ou também uma palavra do homem a Deus.

<sup>15</sup> Cf. ARANDA, A. **Estudos de pneumatologia**. Verlag: Pamplona, Universidad de Navarra: 1985.

<sup>16</sup> SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**, p. 75. *A missão da Rua Azusa*. Uma descrição de 1906. Artigo extraído de Way of Faith, 11/10/1906.

É a Escritura Sagrada a Palavra de Deus em palavras humanas. Uma vez que Deus é seu autor, não é apenas uma palavra humana, mas a Palavra do próprio Deus. O Espírito Santo a inspirou, isto significa que a Revelação de Deus foi escriturada, dirigida pelo Santo Espírito.

A Palavra de Deus é vista como “Meio de Graça”; e o que garante ser esse “meio de graça” é justamente ser a Bíblia inspirada por Deus. É a Revelação Especial de Deus. As Escrituras Sagradas constituem a fonte de todo o conhecimento teológico. A Bíblia não é somente esse princípio, mas base da extensão da Igreja e também a edificação e nutrimento dos santos de Deus, no mundo.

O teólogo Paul Tillich, em sua obra *Teologia Sistemática*, apresenta seis sentidos diferentes sobre o termo “Palavra de Deus”, que merecem atenção por parte do estudioso de teologia.

Vejamos cada um em destaque <sup>17</sup>:

7. A Palavra é antes de tudo o princípio da automanifestação divina no fundamento do próprio ser.
8. A Palavra é o meio da criação, a palavra espiritual dinâmica que medeia entre o mistério silencioso do abismo do ser e a plenitude dos seres concretos, individualizados, auto-relacionados.
9. A Palavra é a manifestação da vida divina na história da revelação.
10. A Palavra é a manifestação da vida divina na revelação final. A Palavra é o nome para Jesus como o Cristo.
11. O termo Palavra é aplicado ao documento da revelação final e sua preparação especial, isto é, a Bíblia. A Bíblia é a Palavra de Deus em dois sentidos: 1) É o documento da revelação final; 2) Participa na revelação final da qual ela é o documento.
12. A mensagem da Igreja, tal como proclamada em sua pregação e ensino, é chamada: a Palavra. A Palavra depende não só do sentido das palavras da pregação, mas também do poder com o qual elas são pronunciadas.

No Antigo Testamento, a palavra (*dābbār*) de Deus é usada por 394 vezes para designar alguma comunicação divina da parte de Deus aos homens, na forma de mandamento, profecia, advertência ou encorajamento. A fórmula usual do Antigo Testamento é “Palavra de Yahweh”. É uma extensão da personalidade divina, investida de autoridade e deve ser ouvida por todos.

Com base em tudo isto se firmava o Movimento Pentecostal da Rua Azusa. E, assim, em face da pregação efusiva da Bíblia como Palavra de Deus, a

---

<sup>17</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo (RS): Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1987. p. 135-137. Uma outra obra que merece destaque é a de JENSON, R. W. *Os meios de graça*. Décimo Locus. In: BRAATEN, CARL E.; JENSON, ROBERT W. (EDS.) *Dogmática Cristã*. São Leopoldo (RS): Sinodal e IEPG, 1995. p. 259-321.

segregação racial foi apagada diante de uma Palavra poderosa de avivamento, proporcionando uma unidade entre negros, brancos, homens e mulheres em cargos de liderança. Por causa dessa configuração humana do avivamento da Rua Azusa veio a perseguição sobre os primeiros pentecostais e a contestação da autenticidade do movimento.

2) *O culto a Deus realizado com fervor.* A adoração pentecostal na Rua Azusa<sup>18</sup> não obedecia à estrutura rígida, mas havia certa liberdade de louvores e orações fervorosas. As reuniões normalmente tinham início com oração, louvor e testemunhos intercalados de mensagem em línguas desconhecidas. A qualidade das harmonias em nada tinha a ver com as de hoje. Se hoje há cantores profissionais que cobram para se apresentarem em cultos nas igrejas, na Rua Azusa tudo era realizado sem nenhum profissionalismo. Daí haver uma série de comentários críticos. E, quando alguém dentre os participantes recebia a unção para entregar uma mensagem, ficava de pé e então se manifestava. O poder de Deus era percebido no salão em diferentes momentos, permitindo que as pessoas buscassem algo mais para a sua vida cristã.

Essas reuniões da Rua Azusa atraíam pessoas de todas as partes do mundo. Sendo um fenômeno estranho para as igrejas históricas, o certo é que mexia com a estrutura de pessoas de todas as classes.

Outra temática recorrente nos depoimentos dados nos cultos era a maneira pela qual o povo descobria o avivamento: alguns relatavam haver tomado o conhecimento do novo Pentecoste por meio de visões, sonhos ou circunstâncias especiais. E isso se dava sem nenhuma informação prévia sobre o movimento. No Evangelho segundo João 3.8, no encontro de Jesus com Nicodemos consta: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai...”

3) *O uso dos dons espirituais priorizando-se a mensagem da salvação em Jesus.* Nas reuniões da Rua Azusa não havia hinário, nem programas, nem material compilado de espécie alguma. Lá havia a pregação sem algum esboço, o falar em outras línguas, curas e principalmente o apelo para o exercício de uma vida devocional mais autêntica. Seymour enfatizava a necessidade de renúncia ao pecado e de aceitar Jesus como Salvador pessoal. É interessante que Seymour não incitava ninguém a falar em línguas, mas o que mais ele queria é que as pessoas falassem de Jesus, o Salvador do mundo, e assim muitos seriam salvos.

4) *A experiência de inclusivismo.* No livro dos Atos dos Apóstolos consta que havia uma unidade na diversidade. O judaísmo era exclusivista, mas o

<sup>18</sup> SYNAN, Vinson. *Ibid.*, p. 82ss.

cristianismo, de diversas maneiras, derrubou todos os muros que demarcavam fronteiras. Aos cento e vinte membros da Igreja de Jerusalém, foram acrescentadas mais três mil pessoas, sem contar mulheres e crianças (2.37-41). O apóstolo Paulo trata na epístola aos Gálatas acerca dessa unidade, onde ele afirma: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). Em tempos de segregação racial nos Estados Unidos, na Rua Azusa havia uma integração, um inclusivismo. Assim, gente de toda estirpe,<sup>19</sup> instruídos, analfabetos, homens, mulheres, nativos, imigrantes e visitantes, estrangeiros, todos cantavam e oravam, bem como recebiam a Palavra.

Diante de todos esses pontos que foram desenvolvidos no Movimento Pentecostal, as ameaças não cessavam. Para as denominações existentes era um movimento anti-estruturalista,<sup>20</sup> anárquico. Era um movimento que não se confiava a quatro paredes. Mesmos em meios a fluxos e refluxos, o Pentecostalismo foi além de suas fronteiras, expandindo-se globalmente<sup>21</sup>.

### **3. O movimento pentecostal como elemento integrador**

Pensar no Movimento Pentecostal como elemento integrador, em tempos de segregação racial nos fins do século 19 e início do século 20, é algo inusitado. É algo que chama a atenção para o sentido e a natureza do Cristianismo, e, concomitantemente, para a Igreja de Jesus Cristo. Esse elemento integrador se torna um paradigma para todos os tempos e para todas as gerações.

firmada em Jesus Cristo. A fé no Senhor ressurreto, liga a Igreja ao que de mais extraordinário existe na dimensão da relação com Deus, que é a vida plenamente vivida em todo o seu contexto. Assim, a fé é o vínculo teológico, enquanto as ordenanças<sup>22</sup> se constituem o vínculo litúrgico; a vida fraterna é o vínculo social. Todos participam.

Como se reconhece a Igreja senão por meio da fé? Como constatar essa fé, se é interior? É preciso haver uma visibilidade, mediante o que a Igreja realiza com boas obras, para dar-se a conhecer e entender esse dom divino que se projeta dentro da comunidade de fé. Sendo assim, a Igreja não pode existir sem os fiéis, pois eles constituem a Igreja. E os pecadores? A pregação de Seymour era para que eles aceitassem o Senhor Jesus, e se arrependessem de seus pecados, fossem

<sup>19</sup> Id. *Ibid.*, p. 79.

<sup>20</sup> No entender das igrejas institucionais, o Movimento Pentecostal provocaria uma desestruturação nas instituições organizadas.

<sup>21</sup> Veja mais informações na obra de SYNAN, Vinson, *Op. Cit.*, 97ss.

<sup>22</sup> Alguns segmentos da Igreja denominam de “sacramentos”, a Ceia do Senhor e o Batismo.

batizados com o Espírito Santo e tivessem uma vida de santidade. Mas, segundo a visão do Novo Testamento quanto àqueles que são como o joio, em que sentido eles participam? A parábola do joio e do trigo (Mt 13. 24-30) é um exemplo. Todos devem ser julgados sob o critério do amor. Chamando a atenção para hoje, o que a Igreja deve aprender é que importa ser trigo e não joio.

Há sinais que as pessoas de fora reconhecem na Igreja, o de ser Igreja no mundo. Só a partir de uma olhada de fé, reconhecer-se-á a Igreja como uma comunidade que vive essa experiência. A fé vai garantir a concretização dos sinais vividos pela própria Igreja no mundo, através de sua ação concreta.

O que se pode dizer sobre a unidade? Segundo Efésios 4.4-6 se observa que, há na Igreja unidade na pluralidade. A unidade não elimina a pluralidade. Pluralidade: no culto, na teologia e na ordem eclesiástica. A Igreja, com seus mais variados e diversificados dons, agindo, mas sendo uma, e não várias igrejas. Vejamos o que implica essa unidade da Igreja.

*Uma Igreja Santa.* Em Efésios 5.27, a Igreja é santificada (*santi facere*) porque Jesus Cristo a santificou e porque Ele a amou profundamente. Santidade ontológica por meio da Palavra, do Batismo e do Perdão. A Igreja é santa porque Jesus Cristo está dentro dela. Santidade ética é uma correspondência ao fato de que Jesus Cristo amou os seus e deu a sua vida, a fim de que estes possam compor a Igreja. Ele deu a Sua vida para que todos tenham vida para sempre. Assim, pode-se verificar a vida de Jesus, inserida na história para assumir o lugar daqueles a quem amou. Logo, é preciso viver como Jesus viveu e amou, para que a Igreja que desejamos seja uma comunidade com desprendimento, encarnação e serviço, à semelhança do Filho de Deus (ver Fp 2. 7-9 e 2Co 8.9ss).

*Uma Igreja para todos.* Quando se pensa no termo “católico”, derivado da língua grega *katholikos*, tem um sentido de inteiramente, para o todo. É universalizável; tem uma distinção universal. Isso era percebido no movimento da Rua Azusa. Universal – Uma igreja de todos. É uma perspectiva teológica e não somente sociológica. Nada do que é humano pode ser estranho à Igreja. Ela é destinada a toda pessoa, bem como à pessoa toda. A experiência do Pentecostes foi profunda (At 2.1-13), no sentido de todos os que estavam presentes, terem recebido o dom do Espírito de Deus. Está a Igreja, ainda, aberta a tudo o que Deus criou. Isto significa que sendo católica (universal), polariza-se uma perspectiva de abertura.

*Uma Igreja Apostólica.* Com este termo as Assembleias de Deus são, de longe, a maior e mais conhecida comunidade pentecostal do mundo. É também o mais influente ramo pentecostal, tendo suas raízes no movimento da fé apostólica,

implantado por Charles Parham<sup>23</sup>. O apóstolo Paulo diz que os apóstolos são os enviados da Igreja, que têm a mesma autoridade de quem os envia. Retoma assim, a tradição dos “enviados”. Tem aí, uma abrangência e profundidade toda missionária (Mt 28.8; Mc 16.15ss; Lc 24.47ss).

Quando se pensa no Movimento Pentecostal da Rua Azusa, faz-se necessário tratar das três qualificações da Autoridade de Jesus, a saber:

1. *A autoridade pregadora de Jesus.* É enfatizada pelo evangelista Mateus. Jesus pregava como quem tinha autoridade. Mateus com muita ênfase destaca a pregação de Jesus. O Sermão do Monte: Mt 5, 6 e 7; Mt 24: “O Pequeno Apocalipse”; o Sermão Profético. Essa autoridade pregadora, Jesus transferiu para os seus discípulos (Mt 28.18-20). A autoridade fora passada aos discípulos, a fim de que, com autoridade, fizessem outros discípulos, de todas as nações.

2. *A autoridade curadora de Jesus.* É enfatizada pelo evangelista Marcos. Jesus curou a muitos doentes (Mc 1.32-33; 40-45; 2.1-12). Assim, as pessoas que pediam a ajuda Jesus, ele com profunda misericórdia as atendiam de modo integral. Essa autoridade curadora Jesus transferiu aos seus discípulos (Mc 16.15-18).

3. *A autoridade perdoadora de Jesus.* É enfatizada pelo evangelista Lucas. Jesus perdoou e também ensinou aos seus discípulos a praticarem o perdão. Lucas 6.37: “Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão”. Jesus transferiu a autoridade perdoadora aos seus discípulos. Eles deveriam perdoar a todos.

O que há em comum nas qualificações de autoridade de Jesus é a *transferência*. Jesus transferiu aos seus discípulos: a pregação; a cura; e, o perdão. Isto é algo importante, pois integra a pessoa dentro de uma realidade amparadora, tomando-se de paupérrima à pessoa bem qualificada. É esta a função do santo Evangelho (Mt 11.28-30).

No desempenho de sua missão como “enviada”, a Igreja propaga os ideais do Reino de Deus no mundo, utilizando seus dons ou carismas espirituais. Os diferentes carismas elucidados na Escritura dão estrutura à Igreja para que cumpra sua apostolicidade. Os textos são os seguintes: 1 Coríntios 12.1-4; 27-31; Romanos 12.3-8 e Efésios 4.7-13. Os dons ou carismas não são privilégios somente dos ministros. É necessário ler as epístolas a Timóteo (1ª e 2ª), para se entender biblicamente este assunto que é tão importante para a vida da Igreja.

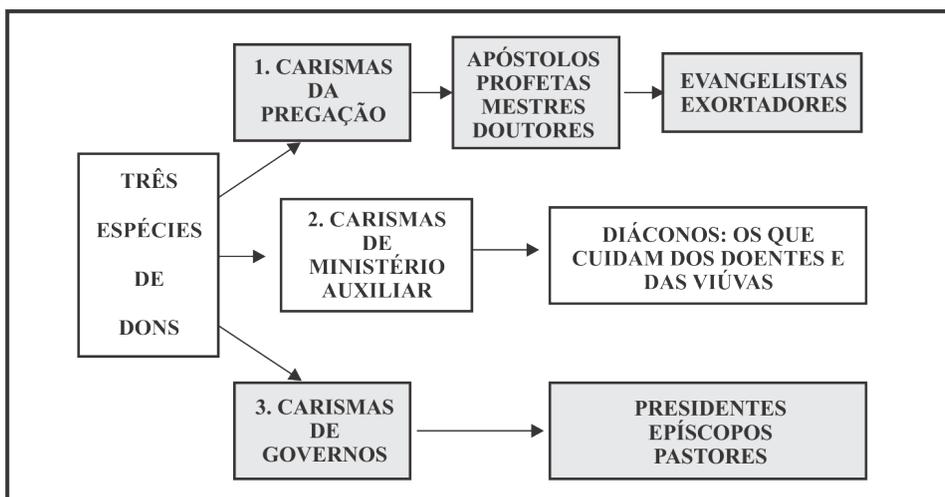
Para verificação da diversidade de carismas, deve-se observar as listas de dons, segundo o Novo Testamento:

<sup>23</sup> Id. Ibid., p. 171.

Os carismas não são de pessoas especiais da Igreja, detentoras de dons, mas de toda a comunidade. O carisma sempre depende da graça divina (*charis*). Os carismas devem ser articulados nas seguintes perspectivas:

### CARISMA VOCAÇÃO SERVIÇO

Como apostólica, a Igreja se desenvolve no sentido de existir para fora; é ela enviada por Deus para ser uma bênção no mundo.



### Conclusão

Ao serem analisados os pontos de uma tríade da experiência do Movimento Pentecostal da Rua Azusa, estes foram percebidos dentro de uma teologia que, na época, ainda não tinham em mente seus atores. Todavia, faz-se necessário haver uma reflexão bíblico-teológica, para que o teólogo, a teóloga ou mesmo o leitor estudioso possa procurar entender a força do Santo Espírito, que age onde quer e usa quem quer para realizar grandes e pequenas obras em prol de um mundo mais reluzente pelo brilho da mensagem da Boa-Nova.

O Movimento Pentecostal, que tem como representante a maior denominação evangélica, a Assembleia de Deus, tem muito a dizer hoje aos que dela participam e, portanto, não deve permitir que outras influências tentem colocar em xeque algo tão valioso. Ainda, tem a mostrar aos outros segmentos cristãos, que o Santo Espírito não é posse de pessoas e instituições, e que produz a verdadeira libertação do ser humano, em direção ao alvo de uma vida que possibilite a outros viverem igualmente.

A ação do Espírito Santo é sempre libertadora. É certo que a piedade real não precisa de justificativa teológica, mas neste mundo tão pluralista, é

fundamental refletir sobre a imagem de Deus, que trazemos conosco, que não é apenas uma projeção de imagens inventadas pelo homem. Há quem afirme que a imagem de Deus que se tem, deve-se à maneira como nossos pais se relacionaram conosco. Mas, o que existe de fato, é que Deus se revelou a nós, na carne. Assim, o mais profundo do nosso ser é tocado.

O que se pode perceber no Movimento Pentecostal é que uma doutrina do Espírito Santo mobiliza o homem a crer em Deus, pelos méritos de Jesus Cristo. Infelizmente, a realidade do Espírito Santo de Deus tem sido muitas vezes, reduzida a experiências entusiásticas, um tipo de comportamento moral, um depósito de “verdade” bíblica inspirada, uma tradição de autoridade sacerdotal ou prática sacramental, o molde de convicções formais, ou o poder dos movimentos sociais da história.

Deve-se tratar da doutrina do Espírito Santo como matéria de confissão. Da confissão de fé da Igreja no Deus que se revelou, e continua a se revelar em Jesus Cristo (João 15.26-27 e 1 João 4). Essa confissão de fé não pode se limitar apenas a profissões de fé meramente verbais. Não se limita a resoluções ou atos devocionais. Tal confissão implica em testemunhar o amor de Deus. Significa a libertação, pelo Espírito, de uma piedade isolada e legalista; a libertação de todas as amarras do espírito humano; quer sejam religiosas, quer sejam seculares. Crer no Espírito Santo significa entrar para uma comunidade onde as pessoas realmente estão aprendendo a se interessar umas pelas outras e pelo mundo. É o povo de Cristo.

A crença no Espírito Santo não é uma abstração. O que a Igreja se acostumou a chamar de Espírito Santo, entretanto, não é pura abstração, não obstante nossa doutrina trinitária, algumas vezes, o faça semelhante a isto. Ele é a presença pessoal de Deus Santo, do Deus Santo que é o Espírito trazendo SANTIDADE.

O significado mais profundo desta confissão é que a fé cristã é realmente importante. Se o Espírito Santo não é o Espírito de Cristo, não há fé cristã, há apenas um conjunto de princípios gerais, uma história impressionante, ou uma ilusão nascida de fantasia doentia.

Diante do que foi analisado sobre o Movimento Pentecostal na Rua Azusa, movimento que teve início em meio a um clima de segregação racial em solo norte-americano, provocando seríssimos danos à sociedade, o Movimento Pentecostal serviu como instrumento de paz e de integração entre as pessoas, pois esta é a força renovadora que o Espírito Santo proporciona de modo concreto, portanto, sem nenhuma abstração. Assim, urge que haja uma procura hoje, aquela identidade tão eficaz, para que o mundo creia que vale à pena viver e lutar por uma sociedade onde todos possam conviver com respeito e altruísmo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARANDA, A. **Estudos de pneumatologia**. Verlag: Pamplona, Universidad de Navarra: 1985.
- BALTHASAR, Hans Urs von. **O Espírito Santo**. In: “Lumière et Vie” 13 (1964), N° 67, p. 115-126.
- BETTENSON. H. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: Aste e Simpósio.
- BRAATEN, CARL E.; JENSON, ROBERT W. (EDS.) **Dogmática Cristã**. São Leopoldo (RS): Sinodal e IEPG, 1995.
- GISEL, P. **La subversion de l’Esprit: RÉFLEXION THÉOLOGIQUE SUR L’ACCOMPLISSEMENT DE L’HOMME**. LIUX THÉOLOGIQUE – 23. GENÈVE: LABOR ET FIDES, 1993.
- SANTO AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.
- SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**. São Paulo: Vida, 2009.
- TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo (RS): Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1987.

*Nelson Célio de Mesquita Rocha*

Mestre e Doutor em Teologia Sistemática pela PUC-Rio.  
Professor e Coordenador da Pós-Graduação da FAECAD.  
Av. Vicente de Carvalho, 1083 - Vila da Penha, Rio de Janeiro - RJ, 21210-001.  
E-mail: nelsonceliorocha@gmail.com